



ENSAIOS EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA OU LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Papers in Portuguese
as a second or foreign language*

O que se diz e o que se quer dizer: uma
análise de diferentes formas de negação
no Português brasileiro, através de
crônicas de Luis Fernando Verissimo

Marcela Otterson

Número 41

O que se diz e o que se quer dizer: uma análise de diferentes formas de negação no Português brasileiro, através de crônicas de Luis Fernando Verissimo

Marcela Otterson

msotterson@gmail.com

Resumo

Este trabalho pretende analisar algumas das diferentes maneiras de o brasileiro expressar posicionamentos negativos, valendo-se de estratégias na tentativa de manter preservada a face dos interlocutores. Para tal, a pesquisa se vale de uma análise qualitativa-interpretativa, baseada em dez crônicas escritas por Luis Fernando Verissimo e publicadas a partir da década de 1970. Do corpus selecionado, são destacados onze diferentes modos de o brasileiro exprimir um posicionamento negativo de forma indireta. As situações apresentadas evidenciam que normalmente o brasileiro, por estar inserido numa cultura de alto contexto e que evita o embate, utiliza-se de diferentes recursos, entre eles a linguagem corporal e a mensagem subentendida, como ferramentas de comunicação. A partir da descrição e da categorização de diferentes formas de negação, o trabalho pretende auxiliar na reflexão por parte do professor de Português como Segunda Língua para Estrangeiros em relação à importância de se tratar sobre o tema com os alunos de PL2E, visto que, para que se possa comunicar sem ruídos em português brasileiro, faz-se fundamental que o estudante perceba as diferentes roupagens que a negação pode apresentar no idioma.

Palavras-chave: Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E);
Negação; Indiretividade.

What is said and what is meant: an analysis of different ways of denying in Brazilian Portuguese, through chronicles by Luis Fernando Verissimo

Abstract

This work analyzes some of the different ways in which Brazilians express negative positions, using strategies to keep the face of interlocutors. To this end, this research employs a qualitative-interpretative analysis of ten short stories published by Luis Fernando Verissimo from the 1970s onwards. Eleven different ways in which Brazilians indirectly express a negative position are highlighted from the selected corpus. These highlighted situations indicate how Brazilians navigate their high-context culture that has a preference towards avoiding direct confrontation using resources such as body language and implied messages as communication tools. Based on the description and categorization of different forms of negation, the paper aims to help Portuguese as a Second Language teachers reflect on the importance of dealing with the subject with their PSL students since, in order to communicate smoothly in Brazilian Portuguese, it is essential that students understand the different guises that negation can take in the language.

Keywords: Portuguese as a Second Language (PSL); Denial; Indirectivity.

1. Introdução

Para muitos estrangeiros, a ausência de termos que exprimam de maneira direta uma ideia negativa, nas sentenças em português, mostra que o brasileiro possui dificuldade em se posicionar e de se colocar de forma clara, quando deseja apresentar uma opinião desfavorável em relação a algo.

No entanto, o que ocorre é que muitos não atentam à diferença entre o que se diz e o que se espera que seja compreendido. A opinião negativa é, sim, apresentada por brasileiros, mas, muitas vezes, nas entrelinhas. Troca-se o “não”, de forma direta, por expressões como “vou ver” ou “pode ser”; preserva-se a face dos interlocutores e todos, ou quase todos, compreendem o que realmente foi dito.

Assim, percebe-se que a questão está em direcionar um olhar mais atento a diferentes formas através das quais posicionamentos negativos são expressos em português. É isso o que o presente trabalho pretende fazer, através da análise de trechos de crônicas de Luis Fernando Verissimo.

2. Fundamentação Teórica

Categorizar e analisar diferentes maneiras de negar na Língua Portuguesa não significa apenas observar formas de transmitir um posicionamento negativo por parte do falante, trata-se também de compreender a chamada Teoria da Face, a Teoria dos Atos de Fala, os conceitos de Diretividade e Indiretividade, a Teoria da Polidez, assim como atentar para o fato de que nossa cultura é classificada como de “alto contexto” e entender de que forma isso implica na maneira como nos expressamos.

2.1. Teoria da Face

É importante refletirmos sobre o conceito de Face (GOFFMAN, 1967): face, para Goffman, é “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico” (GOFFMAN, 1967, p. 76-77 *apud* CARVALHO; LADEIRA, 2012, p. 60).

O conceito de face está diretamente relacionado à imagem que se quer construir de si para o outro. Segundo Carvalho e Ladeira (*ibid.*), como a construção de uma imagem se vale de análises e julgamentos em relação a comportamentos apresentados e colocações feitas, atos tanto verbais como não verbais, “a imagem social é algo que pode ser perdido, o que parece justificar o empenho das pessoas para resguardar suas faces, através de estratégias de trabalhos de face” (CARVALHO E LADEIRA, 2012, p. 59). As autoras seguem, colocando que trabalhos de face são “ações realizadas por uma pessoa para tornar aquilo que esteja fazendo consistente com a face que está sendo reivindicada, num dado momento” (GOFFMAN, 1983, p. 78 *apud* CARVALHO E LADEIRA, 2012, p. 59).

Ocorre que todos, segundo Brown e Levinson (1987), em realidade, temos duas faces: a positiva, aquela que busca ser aceita em sociedade, tentando agradar a todos

em busca de sua aprovação, e a negativa, aquela que espera preservar-se, mantendo um distanciamento que a proteja de imposições e a permita sentir-se socialmente respeitada.

Situações que coloquem em risco a imagem construída de um determinado sujeito são classificadas como situações de ameaça à face e, “se deixarmos vir à tona a face negativa – aquela relacionada ao nosso íntimo e que não se submete ao outro – temos chances de não sermos aprovados pelo grupo social” (CARVALHO E LADEIRA, 2012, p. 60), o que, definitivamente, não é o que nós, brasileiros, membros de uma cultura que claramente evita o embate, costumamos desejar.

Para brasileiros, posicionar-se de forma contrária em relação a algo pode, muitas vezes, ser visto como um comportamento rude, grosseiro, o que coloca em risco a imagem que se deseja transmitir ao outro. Por poder representar uma ameaça à face, esse tipo de atitude costuma ser evitada.

No entanto, há momentos nos quais se esquivar pode não ser uma possibilidade e, “[...] quando não é possível assim agir, cabe esforçar-se para corrigir essas situações” (CARVALHO E LADEIRA, 2012, p. 61). Por essa razão, é comum a negação vir acompanhada de uma explicação, na tentativa de amenizar as chances de se construir uma imagem negativa.

Além de explicações, o brasileiro se utiliza de outras formas, que representam uma tentativa de justificar seu posicionamento negativo diante de uma situação e, assim, preservar sua face. A explicação e outras maneiras de atenuar a negação serão tratados mais adiante, no capítulo referente à análise de dados (cf. 4).

2.2. Teoria dos Atos de Fala

Apesar de não nos fixarmos na questão dos atos de fala nos trechos das crônicas analisadas de Luis Fernando Verissimo, torna-se importante trazer tal teoria neste momento e apresentá-la, ainda que de forma breve, pois sua compreensão auxiliará no entendimento de outras teorias aqui tratadas, especialmente no que se refere ao conceito de diretividade e indiretividade.

Através da Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1962), compreendemos que, ao utilizarmos a linguagem para nos comunicar, desempenhamos ações. Assim, a linguagem não deve ser vista apenas como algo capaz de transmitir uma ideia, seja uma opinião, um ponto de vista, uma reflexão, um posicionamento, mas também como algo apto a gerar uma ação social. “A essas ações sociais, tais como: fazer pedidos ou promessas, desculpar-se, dar ordens, fazer afirmações [...] dá-se o nome de atos de fala”. (OLIVEIRA, 2019, p. 35). Assim, conforme Silva (2016), “ato de fala na verdade é ação, porque muitas vezes o uso da linguagem faz pessoas realizarem coisas quando falam.”

2.3. Teoria da Polidez

A busca constante pela preservação da face dá lugar à utilização de estratégias de polidez durante o momento em que realizamos atos de fala, como quando damos ordens, fazemos pedidos ou nos desculpamos. Com isso, esperamos manter nossa imagem positiva intacta em relação aos interlocutores.

Entender o termo “polidez”, no entanto, não é tarefa fácil. Sua compreensão pode variar, dependendo da cultura e da sociedade a partir da qual o estamos observando. Assim, podemos entender “polidez” de duas formas, denominando-as polidez 1 e polidez 2: “a primeira corresponde à noção do senso comum relacionada a boas maneiras, [...] comportamentos sociais específicos de cada cultura” (WATTS, 2003, *apud* OLIVEIRA, 2019 p. 50-51). Já polidez 2 “corresponde ao comportamento linguístico adotado pelo falante para compensar ou minimizar as ameaças que podem ocorrer na comunicação.” (WATTS, 2003, *apud* OLIVEIRA, 2019 p. 51).

Segundo Lima (2020), “[...a] polidez, para Brown e Levinson (1987[1978]), pode [...] ser considerada como um trabalho de preservação da face e também como um padrão interacional, cuja função é manter a harmonia e a ordem social” (ibid., p. 7). A autora segue, colocando que “...para Brown e Levinson, manter a face é a maior motivação para o comportamento polido, que mantém a harmonia social e as relações cordiais” (ibid., p. 7).

2.4. Diretividade e Indiretividade

“Peguei meu filho no colo (naquele tempo ainda dava), apertei-o com força e disse que só o soltaria se ele dissesse a palavra mágica. E ele disse:

- Mágica.”¹

De acordo com Searle (1969), os atos de fala podem ser diretos, nos quais as colocações feitas se utilizam de expressões já usuais, verbos em determinados tempo e modo e podem atentar para a entonação do falante. “Nesse tipo de ato de fala, a ameaça à face, segundo Brown e Levinson (1987), pode se realizar sem ação de reparo (*Faça o trabalho agora!*) ou com ação de reparo (*Você poderia fazer o trabalho agora, por favor*)” (ALBUQUERQUE, 2003, p.25).

Ainda segundo Albuquerque, para Searle (1969) o ato indireto ocorre “quando o falante comunica ao ouvinte mais do que ele realmente diz” (ALBUQUERQUE, 2003, p.25), ou seja, nas entrelinhas. Nesse momento, para que ocorra a comunicação de forma efetiva, faz-se fundamental que os interlocutores compartilhem de conhecimentos considerados relevantes para a compreensão da mensagem que se deseja tanto transmitir quanto apreender.

Para um brasileiro, expor uma opinião negativa de maneira direta, em uma situação informal de comunicação, muitas vezes faz com que ele seja visto como rude, grosseiro. Dessa forma, é comum observarmos que, para evitar situações nas quais os falantes se sintam constrangidos e desconfortáveis, muitas vezes, emprega-se a indiretividade como recurso, a fim de evitar situações embaraçosas.

2.5. O brasileiro e sua cultura de alto contexto

Nós, brasileiros, ao nos comunicarmos, muitas vezes transmitimos nossas ideias não apenas com palavras, valemo-nos também de outros recursos, como a entonação e

¹ Verissimo (2020, p. 629).

a linguagem corporal. Além disso, não é sempre que a informação se faz presente de forma direta e clara.

Por essa razão, podemos afirmar que fazemos parte de uma cultura de alto contexto: “[alto ou baixo contexto] é a capacidade que cada cultura tem de expressar suas mensagens de maneira mais ou menos direta” (HALL & HALL, 1990). O brasileiro, por exemplo, está imerso em uma cultura de alto contexto, em que o não-verbal é muito importante” (MOREEUW, 2009, p. 33).

Assim, para a total compreensão do que está sendo dito, é importante que os interlocutores estejam atentos não apenas ao que pode estar sendo expresso com palavras, que nem sempre apresentam seu sentido literal, mas também ao que está sendo transmitido nas entrelinhas, através de outros recursos.

3. Metodologia

A estratégia metodológica adotada na presente pesquisa foi a qualitativa-interpretativa, baseada em crônicas de Luis Fernando Verissimo, publicadas em diferentes anos, a partir da década de 1970. Foram selecionados trechos de dez crônicas do autor (VERISSIMO, 2020): “Pipocas, não”; “Grande Edgar”; “Os profissionais liberais e a morte”; “A mentira”; “Detalhes”; “Og e Mog”; “Emergência”; “O que ela mal sabia”; “Caso de divórcio I” e “A frase”.

Em tais trechos, escolhidos por retratarem comportamentos considerados ainda comuns em nossa cultura, destacamos onze diferentes modos de o brasileiro exprimir um posicionamento negativo:

- i. a forma clara e direta da negação
- ii. a falta de memória
- iii. a invenção de uma desculpa
- iv. a utilização de verbos no modo imperativo
- v. a transferência de responsabilidade
- vi. o agradecimento e a justificativa
- vii. o pedido de desculpa e a explicação
- viii. o adiamento da negação
- ix. o advérbio anteposto
- x. a negação como pedido
- xi. a negação e a linguagem corporal

Cada uma das formas de negação será apresentada e analisada em diferentes seções, como se percebe a seguir.

4. Análise de Dados

Para compreender e transmitir informações de maneira efetiva através de um idioma, faz-se fundamental que o estudante da língua adquira conhecimento não apenas sobre as regras gramaticais que a regem, como também sobre sua cultura e a forma como seus indivíduos se expressam no dia a dia. Em português brasileiro, o ato de negar pode estar presente de diferentes formas e é importante conseguir identificá-lo, para que não haja ruídos na comunicação. É sobre ele que trataremos agora, através da análise de trechos de crônicas de Luis Fernando Verissimo e das categorias descritas.

4.1. A forma clara e direta da negação

A crônica “Pipocas, não” (VERISSIMO, 2020, p. 657), publicada no jornal *Zero Hora*, em 2010, trata do dia em que o casal Marina e Zé Henrique recebeu, em sua casa, as amigas dela para que, todos juntos, assistissem a um jogo de futebol da Copa. Marina não gostava muito desse esporte, mas se sentia atraída por um determinado jogador, assim como suas amigas. Zé Henrique não se importava com isso. O que o chateava era o fato de não poder assistir tranquilamente às disputas, pois Marina e as amigas se dirigiam a ele a todo instante, com perguntas típicas de quem não entende do assunto.

Em determinado momento, durante o intervalo de um jogo, Marina pede a Zé Henrique que faça pipoca, informando às amigas que “O Zé Henrique faz pipoca muito bem” (VERISSIMO, 2020, p. 657). “Não”, responde Zé Henrique, para surpresa da moça. A crônica se encerra com a seguinte colocação: “... Que pensassem o que quisessem dele, que o chamassem de grosseiro, de ciumento, de ressentido. Mas pipocas, decididamente, não” (VERISSIMO, 2020, p. 658).

Através de “Pipocas, não”, Verissimo nos fornece uma amostra de como o “não”, colocado de forma objetiva, pode ser visto como rude, agressivo: o próprio personagem que o utiliza tem consciência de que muito provavelmente será chamado por Marina e suas amigas de “grosseiro” por ter se posicionado negativamente, de maneira direta

(SEARLE, 1969). Na crônica, Zé Henrique apenas se expressa dessa forma quando claramente não suporta mais a situação na qual foi inserido e, assim, não se preocupa mais em proteger sua face ou em resguardar a face daquelas pessoas com as quais está interagindo (GOFFMAN, 1967).

A crônica “Grande Edgar” (VERISSIMO, 2020, p. 344), publicada em alguns livros do autor, entre eles “Comédias da vida privada” (1996) e “As mentiras que os homens contam” (2000), fala de um encontro entre o narrador e alguém de quem ele não se recorda, mas que o aborda, perguntando se não estava se lembrando dele, “sorrindo, os olhos iluminados, antecipando a sua resposta” (VERISSIMO, 2020, p. 344).

Segundo o narrador, ao nos encontrarmos numa situação como essa, há diferentes caminhos a seguir: um deles é responder “não”, de forma direta, caminho classificado pelo narrador como “o curto, grosso e sincero.”. Para ele, “O “Não” seco pode até insinuar uma reprimenda à pergunta” (VERISSIMO, 2020, p. 344).

Nesse trecho de “Grande Edgar” temos novamente a ideia de que a resposta negativa “não”, expressa de forma clara, direta e objetiva tende a ser vista como o elemento causador de uma possível situação de conflito. Como colocado por Albuquerque (2003, p.25), compromete-se a face (GOFFMAN, 1967) daqueles que se encontram presentes, criando-se uma situação desconfortável. Assim, o “não”, de forma direta, demonstra a ausência de tentativa de proteção da face, ao representar, possivelmente, uma reprimenda à pergunta feita.

4.2. A falta de memória

Ainda em relação à crônica “Grande Edgar” (VERISSIMO, 2020, p. 344), uma outra saída apresentada pelo narrador é aquela em que se recorre à falta de memória: “Desculpe, deve ser a velhice, mas...”. Segundo o próprio narrador, essa “é uma maneira simpática de dizer que você não tem a menor ideia de quem ele é, mas que isso [se deve] a uma deficiência de neurônios sua” (VERISSIMO, 2020, p. 345). Aqui temos o “não” colocado de maneira indireta (SEARLE, 1969), apresentando-se através

de uma outra roupagem, que o ameniza: a de que possivelmente seria um sim, não fosse a falta de memória do interlocutor. Ocorre, nesse momento, a tentativa de proteção da face (GOFFMAN, 1967) de todos os presentes, o que motiva o comportamento polido (BROWN; LEVINSON, 1987).

Verissimo também trata dessa forma de negar em “Os profissionais liberais e a morte” (VERISSIMO, 2020, p. 63), crônica publicada em “*Ed Mort e outras histórias*” (1979) e em “*Novas comédias da vida privada*” (1996). Nela, lemos sobre a academia de ginástica de “Paulão”, lugar que atende profissionais liberais autônomos, de 40 a 45 anos, que o procuram quando se dão conta de que não são eternos e resolvem que “só o cooper não adianta” (VERISSIMO, 2020, p. 63).

Paulão representa o estereótipo do professor de educação física, falante, animado, expansivo. Já no início da crônica, durante uma entrevista com um de seus novos alunos, o professor afirma, após lhe dar um soco no ombro, que o conhece. O aluno, depois de massagear o local atingido, responde, sem jeito: “Eu não estou bem lembrado...”

A resposta dada pelo aluno nos mostra, novamente, uma possível forma de negar associada à tentativa de manutenção da polidez (BROWN; LEVINSON, 1987), ao recorrer à falta de memória. As reticências, marcando o tom de insegurança na fala do aluno também sugerem certo grau de incômodo gerado por seu posicionamento negativo, mesmo com a tentativa de atenuá-lo.

Como colocado por Lima (2020, p. 7), essa polidez se apresenta como um padrão nas interações e se faz presente para tentar manter certo grau de cordialidade nas relações.

4.3. A invenção de uma desculpa

“Eu dizer não? Aqui, ó.”²

Em “A Mentira” (VERISSIMO, 2020, p. 28), publicada em diversos livros, entre eles “*Ed Mort e outras histórias*” (1979) e “*Pai não entende nada*” (1991), lemos sobre

² Verissimo (2020, p. 121).

o comportamento de João e Maria diante do indesejado encontro marcado com Pedro e Luísa, um casal de amigos.

João, ao chegar cansado do trabalho, afirma que não irá comparecer ao compromisso agendado há uma semana e pede que Maria telefone aos amigos, para “dar uma desculpa qualquer” (VERISSIMO, 2020, p. 28). Maria, então, telefona para Luísa e lhe diz que “João chegara em casa muito abatido, até com um pouco de febre, e que ela achava melhor não tirá-lo de casa aquela noite [...] Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor” (VERISSIMO, 2020, p. 28).

Para a cultura brasileira, de alto contexto (HALL & HALL, 1990), percebe-se que a mensagem, nesse momento, é transmitida nas entrelinhas (ALBUQUERQUE, 2003, p. 25), de maneira indireta (SEARLE, 1969). O “não”, aqui, é apresentado através de uma desculpa criada para que o encontro não ocorra, evitando a situação de confronto que poderia haver, caso o real motivo (falta de vontade) fosse exposto. Assim, a face dos interlocutores é preservada (GOFFMAN, 1967).

4.4. A utilização de verbos no modo imperativo

Ainda em relação à crônica “A mentira” (VERISSIMO, 2020, p. 28), há outro momento a ser destacado. Durante nova conversa ao telefone, Maria descreve a Luísa o estado (fictício) de saúde de João. Luísa, assustada, diz à amiga que ela e Pedro irão vê-los, ao que Maria prontamente lhe responde com um pedido, representado por um verbo no modo imperativo: “- Espere!” (VERISSIMO, 2020, p. 29).

Podemos perceber uma conotação negativa na fala de Maria em resposta à afirmação de Luísa. Há um pedido, feito com veemência, correspondente a um ato de fala (AUSTIN, 1962), que carrega a ideia de um posicionamento negativo de maneira indireta (SEARLE, 1969), novamente com o desejo de proteção da face dos interlocutores (GOFFMAN, 1967).

4.5. A transferência de responsabilidade

Já a crônica “Og e Mog” (VERISSIMO, 2020, p. 53), publicada em “O rei do rock” (1978), trata da descoberta do fogo pelo troglodita Og e o confronto entre sua tribo e a de Mog. Og não contava a ninguém o segredo de como fazer o fogo, sempre respondendo a quem lhe perguntasse: “Você pode se queimar. Ou então incendiar a floresta. Esqueça.” (VERISSIMO, 2020, p. 53).

Og, em sua resposta, posiciona-se de maneira negativa, mas o faz de forma indireta (SEARLE, 1969), transferindo ao seu interlocutor o motivo por não lhe passar a informação solicitada. Além disso, há, ao final da resposta, uma ordem (AUSTIN, 1962), o que sugere que tal pergunta não deverá ser feita novamente, impossibilitando um novo momento de embate entre os interlocutores. A face de todos segue, assim, preservada (GOFFMAN, 1967).

O mesmo ocorre na crônica “Detalhes” (VERISSIMO, 2020, p. 146), publicada em “Outras do Analista de Bagé” (1982), que nos fala sobre o momento em que o velho porteiro do palácio, Helmuth, chega a sua casa trêmulo, após uma noite de trabalho, na qual ocorreu um baile.

Enquanto toma uma aguardente, o porteiro descreve para Helga, sua mulher, a cena que havia presenciado. Ao final de sua descrição, pergunta à esposa: “Não tem mais aguardente?”, ao que ela responde “Acho que você já bebeu demais por hoje.” (VERISSIMO, 2020, p. 147)

Para a cultura brasileira, de alto contexto (HALL & HALL, 1990), o ato de Helmuth de perguntar à esposa se há mais aguardente significa um pedido (AUSTIN, 1962) para que ela lhe sirva mais bebida. Além disso, a resposta da esposa, transferindo ao marido a responsabilidade por lhe negar o pedido, representa, também de forma indireta (SEARLE, 1969), um posicionamento negativo.

4.6. O agradecimento e a justificativa

A crônica “Emergência” (VERISSIMO, 2020, p. 51), também publicada em “O rei do rock” (1978), em “Peças íntimas” (1990) e em “Mais comédias para ler na escola” (2008), fala-nos sobre o comportamento de um passageiro que viaja de avião pela primeira vez: não consegue colocar o cinto de segurança e dá um nó para amarrá-lo, senta-se em poltrona que seja próxima à porta de saída e reage de maneira desconfiada a tudo.

Em determinado momento da crônica, a aeromoça lhe oferece um jornal para leitura, mas ele recusa: “Obrigado. Não bebo.” Percebemos que, mesmo que se encontre em uma situação de estresse e sem compreender claramente o que estão lhe oferecendo, a resposta negativa do passageiro é antecedida por um agradecimento. Essa estratégia de polidez (BROWN; LEVINSON, 1987) demonstra uma preocupação com a preservação da face dos interlocutores (GOFFMAN, 1967). Além disso, é dada uma justificativa – não aceito, porque não bebo, ou seja, há um motivo para a negação. Caso a resposta fosse apenas “não”, poderia ser considerada rude a partir do olhar de um brasileiro (ALBUQUERQUE, 2003, p.25).

4.7. O pedido de desculpa e a explicação

A crônica “O que ela mal sabia” (VERISSIMO, 2020, p. 135), publicada em “Zoeira” (1987), conta-nos sobre uma ideia para uma possível narrativa de terror: uma mulher folheia uma revista velha, já sem capa e incompleta, na sala de espera do dentista. Em determinado momento, inicia a leitura de um conto e percebe que se trata da descrição de sua própria história, “até os nomes – dela, do marido, de familiares, de amigos – são os mesmos” (VERISSIMO, 2020, p. 135).

Ocorre que, para seu desespero, ao final da página, ela lê: “E naquele dia, saindo para ir ao dentista, ela tomou uma decisão: conquistaria sua liberdade. Mal sabia ela que (Continua na página 93)” (VERISSIMO, 2020, p. 135). A mulher procura, ansiosa, pela tal página 93, mas não a encontra. O dentista a chama para ser atendida.

Ao final de sua consulta, a mulher volta à sala de espera e pergunta à secretária se poderia levar a revista para casa. Mas, para seu desespero, a recepcionista lhe responde que havia jogado todas as revistas velhas no lixo, enquanto ela estava sendo atendida: “Não é possível”, diz a mulher. “Você não sabe nem que revista era?” “Desculpe, mas não sei. Não tinham nem mais capas.” (VERISSIMO, 2020, p. 135).

Podemos perceber que a resposta negativa da secretária vem acompanhada por um pedido de desculpas e seguida de uma explicação, o que atenua sua negação (CARVALHO; LADEIRA, 2012, p. 61). Ocorre aqui uma tentativa de preservação da face (GOFFMAN, 1967), através da utilização de uma estratégia de polidez (BROWN; LEVINSON, 1987), visando à manutenção da cordialidade na relação (LIMA, 2020, p. 7).

4.8. O adiamento da negação

A crônica “Caso de divórcio I” (VERISSIMO, 2020, p. 79), publicada em “Ed Mort e outras histórias” (1979), conta-nos a história de Morgadinho, sujeito baixo e careca, que se casou com Fátima Araci, mulher linda e mais alta que ele. Fátima, no entanto, “nunca prestou muita atenção ao marido”, a ponto de, no álbum de fotografias do casamento, guardado por ela junto à grinalda, não haver nenhuma foto dele.

Morgadinho, em determinado momento, pede à Fátima que lhe invente um apelido, a ser usado nos momentos de intimidade, com o objetivo de uni-los ainda mais, ao que a mulher responde: “Vamos ver” (VERISSIMO, 2020, p. 79).

Ao levarmos em conta a relação existente entre Morgadinho e Fátima Araci, percebemos que o termo “vamos ver” significa, na realidade, uma resposta negativa de forma indireta (SEARLE, 1969). A estratégia utilizada atenua o posicionamento negativo e, assim, preserva a face dos interlocutores (GOFFMAN, 1967). Além disso, Fátima consegue fazer com que o marido não converse mais sobre o assunto por algum tempo, adiando uma nova situação constrangedora, já que deverá esperar pelo apelido que lhe será dado, conforme a colocação “vamos ver” sugere.

4.9. O advérbio anteposto

Ainda em relação à crônica “Caso de divórcio I” (VERISSIMO, 2020, p. 79), apresentada na seção anterior, após uma semana, o marido volta ao assunto, perguntando se Fátima já havia pensado no tal apelido: “Ainda não”, ela lhe responde.

Nesse momento, percebemos o posicionamento negativo sendo transmitido de forma atenuada, com um advérbio de tempo anteposto ao advérbio de negação. Ocorre uma nova tentativa de deixar a ação para o futuro, gerando no interlocutor uma esperança de que, apesar de não ocorrer agora, o que ele deseja possivelmente se realizará com o passar do tempo. A colocação negativa é feita, mas ocorre também a proteção da face dos interlocutores (GOFFMAN, 1967).

4.10. A negação como pedido

A crônica “Caso de divórcio I” (VERISSIMO, 2020, p. 79) ainda nos apresenta outro modo de negação, dessa vez como um pedido. Quando Morgadinho toma coragem e sugere a Fátima Araci que lhe chame de “Tigre”, a resposta é retratada da seguinte forma: “Ela nem riu. Pediu que ele tivesse paciência” (VERISSIMO, 2020, p. 79).

Nesse momento, é transmitida novamente a ideia de promessa, já que, através de um ato de fala (AUSTIN, 1962), Fátima Araci pede que Morgadinho espere por mais um período. Mais uma vez, a face dos interlocutores se mantém preservada (GOFFMAN, 1967), através da negação exposta de maneira indireta (SEARLE, 1969).

4.11. A negação e a linguagem corporal

A crônica “A frase” (VERISSIMO, 2020, p. 19), publicada em “Amor brasileiro” (1977) e “O melhor das comédias da vida privada” (2004), fala sobre a imagem feita

pelo narrador em relação ao criador do “melhor texto de publicidade” (VERISSIMO, 2020, p. 19). O anúncio é americano e o produto vendido é uísque.

Para o narrador, o autor de tal texto, por apresentar tamanha criatividade, só pode ser alguém com características muito especiais e, que viva num “mundo à parte”: “... Não lê mais nada, não vê televisão, não vai a cinema e fala somente o indispensável. [...] Com um leve sorriso nos cantos da boca” (VERISSIMO, 2020, p. 19).

Em determinando momento da história, a mulher do publicitário lhe pergunta se ele não voltaria mais a trabalhar, ao que ele responde com um sorriso. A mulher segue com a conversa: “Nunca mais, Bob? Há uma semana que você não sai dessa cadeira.” (VERISSIMO, 2020, p. 19)

Podemos perceber que o sorriso, nesse momento, foi utilizado, e compreendido, como uma resposta negativa, ou seja, não houve uma tentativa de proteção da face (GOFFMAN, 1967), mas, para a cultura brasileira, denominada de alto contexto (HALL & HALL, 1990), o “não” foi colocado de maneira indireta (SEARLE, 1969), através da ausência da linguagem verbal.

5. Considerações Finais

A partir das leituras e análises dos trechos de crônicas de Luis Fernando Verissimo, espelho de muitos dos comportamentos sociais do brasileiro ainda presentes nos dias de hoje, pudemos perceber que o brasileiro, ao contrário do que muitos acreditam, exprime, sim, opiniões negativas, mas, muitas vezes, de forma indireta, através de linguagem corporal ou de palavras que assumem o lugar do “não”.

Isso ocorre porque, em inúmeras situações, a negação exposta de maneira clara e objetiva pode ser considerada rude, grosseira e gerar conflitos, o que, para uma cultura que claramente evita o embate, não é o que se deseja. Além disso, a linguagem corporal e a mensagem subentendida são ferramentas de comunicação bastante comuns para aqueles que fazem parte de uma cultura de alto contexto, como a brasileira.

Mas, muitos estrangeiros não conseguem perceber de forma clara as diferentes estratégias das quais nos valem para nos posicionarmos negativamente e, com isso, podem não conseguir se comunicar de maneira competente no idioma. A importância desse trabalho encontra-se exatamente neste ponto: o professor de PLE deve estar atento às diferentes maneiras de expressarmos uma opinião negativa e conseguir transmiti-las em seus contextos aos alunos, para que possam se valer delas quando for adequado.

Portanto, para que o estudante de PLE consiga se comunicar sem ruídos em português brasileiro, faz-se fundamental que perceba as diferentes roupagens que a negação pode apresentar em nosso idioma, que saiba compreendê-las e selecione a mais adequada a ser utilizada, dependendo de seu objetivo e da situação de comunicação na qual se encontra inserido.

6. Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, A. F. de S. de. *A construção dos atos de negar em entrevistas televisivas...* Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, PUC-Rio. Rio de Janeiro, p.248. 2003.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford, Oxford University Press, 1962.

BROWN, P; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. 2ª edição, Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

GOFFMAN, E. *Interactional Ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Pantheon Books, 1967.

_____. Forms of offrey. In: LECH, G. N. *The Principles of Pragmatics*. New York: Longman, 1983.

HALL, E.T. e HALL, M.R. *Understanding cultural differences: Germans, French and Americans*. Yarmouth: Intercultural Press, 1990. Part 1: *Key concepts: underlying structures of culture*, pp. 1-31.

LADEIRA, W. T; CARVALHO, A. de. *Explicações como estratégia defensiva de face: um estudo da argumentação na vida cotidiana*. In: Revista do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 8 - n. 2 - p. 57-77. jul./dez. 2012.

LIMA, A. B. V. C. *Investigando aspectos interacionais com foco no ensino de língua estrangeira: seria o “jeitinho” uma estratégia de polidez no português do Brasil?*. Ensaio em Português como Segunda Língua ou Língua Estrangeira, Rio de Janeiro, nº 27, 2020.

MOREEUW, M. S. *Aspectos verbais e não-verbais em pedidos de informação no português do Brasil: uma aplicabilidade ao ensino de PL2E*. Dissertação (Mestrado em Letras) - PUC – Rio. Rio de Janeiro, p.140. 2009.

OLIVEIRA, F. S. O dito e o não dito no ensino de PL2E: Os atos de pedir em placas e cartazes não oficiais. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – PUC – Rio. Rio de Janeiro, p. 133. 2019.

SEARLE, J. *Speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SILVA, H. M. de C. D. e. *Avaliação da taxinomia alternativa de Searle à classificação das forças ilocucionárias de Austin*. Tese (Doutorado em Filosofia) – PUC – Rio. Rio de Janeiro, p. 135. 2016.

VERISSIMO, L. F. *Verissimo Antológico: Meio século de crônicas, ou coisa parecida*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

WATTS, R. J. *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.